

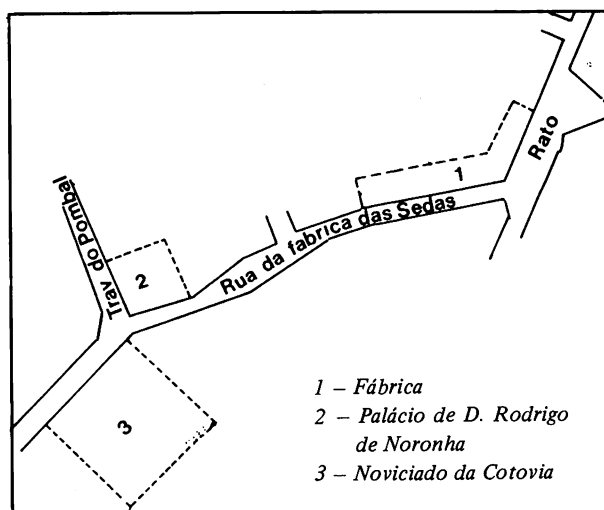
Descrição do local na primeira metade do Século XVIII

Na primeira metade do Século XVIII esta zona estava incluída no denominado Sítio da Cotovia, designação que abrangia uma vasta área de terrenos e diversas freguesias. A freguesia que englobava a zona em estudo era a freguesia de Santa Isabel, cuja descrição dos limites é transcrita na obra de Francisco Santana⁽¹⁾:

"No anno de 1741 eregio o Patriarcha D. Thomaz de Almeyda esta Parrochia na Irmida de S. Ambrozio, junto ao Mosteiro do Rato, tirando alguás porções dos destritos das freguesias de Santos, Santa Catherina, S. Joze, e S. Sebastião da Pedreira. Antes do terramoto de 1755 constava de 1460 fogos, se (sic) se distribuiaõ pelas ruas e becos seguintes. Começando p.^{1a} ponte de Alcantara, vem pela margem oriental do rio, à orta navia, e dahy aos Prazeres, todo o campo de Ourique, e arco do Carvalho, S. João dos Bem-Cazados, Campolide, Val de Pereiro, p.^e da rua, e traveça do Salitre, rua da Fabrica da Ceda, Collegio dos Nobres, Patriarchal; Rua de S. Bento, e da Estrella, Senhor Jezus da Boa morte; rua da Fonte santa até as Necessid.^{es}, ficandolhe dentro desta circunfer.^a a rua das Almas, rua se S. Anna, rua de S. Antonio, rua da Arrabida, traveça dos Ladrões, rua da Boa morte, rua dos Prazeres; rua da N. Snrã. do Cabo, Cardaes; rua da Conceição, Cotovia de Sima, traveça do Pombal; rua de s. Isabel; rua do Sol, rua do norte, Largo do Rato, rua das Agoas Livres, rua da Madre de D.^s, rua dos Milagres, rua do Monte Olivete, rua da Penha de França, traveça dos Cegos, e Val de Pereiro. As freg.^{as} confinantes são a da Snrã. da Ajuda, Bemfica, S. Catherina, Encarnação, S. Joze, Mercês, Santos e S. Seb.^{am} da Pedr.^a

Em relação aos topónimos, afirma Gustavo Matos Sequeira⁽²⁾ que a designação de "Rato" surge pela primeira vez em 1736 referindo-se ao então logradouro suburbano. Como podemos observar pela transcrição de Francisco Santana, em 1741 já existia a Rua da Fábrica das Sedas. Refere Matos Sequeira⁽³⁾ que este nome designava em 1742 a metade oeste da actual Rua da Escola Politécnica entre o Largo do Rato e o edifício da Imprensa Nacional. A segunda metade, partindo deste edifício até à actual Praça do Príncipe Real, local designado na altura por "obras do Conde de Tarouca", era na mesma data a Rua da Cotovia. Existiam também a Travessa do Pombal, actual Rua da Imprensa Nacional, assim como a Rua do Salitre e a Rua de S. Bento que mantiveram o nome.

Considerada já fora dos limites da cidade, esta zona da Cotovia é descrita por Ratton, nas suas memórias, como sendo, na sua maioria, constituída por terras de cultivo, havendo apenas algumas casas à beira dos caminhos que atravessam as quintas. Podemos, assim, imaginar o local como uma zona suburbana em que predominavam as quintas, e partindo do Rato seguindo pela Rua da Escola Politécnica veríamos logo no início desta artéria e do lado direito, o comprido edifício da Fábrica das Sedas que designou a rua. Um pouco mais à frente no local onde hoje se situa o edifício da Imprensa Nacional, localizava-se o palácio de D. Rodrigo de Noronha. Do outro lado, mais adiante, o Noviciado da Cotovia. Eram, na época, estes os três grandes edifícios da Rua da Escola Politécnica.



Localização dos principais edifícios da zona, na primeira metade do Século XVIII

O noviciado data do Século XVII e foi edificado na Quinta do Monte Olivete no Alto da Cotovia. Foi esta quinta doada aos jesuítas em 1597 por Fernão Telles de Menezes, sendo a primeira pedra do noviciado lançada em 1603⁽⁴⁾. Ainda nos meados do Século XVII chegava a cerca do noviciado à rua do Salitre, abrangendo uma vasta área.

O palácio de D. Rodrigo situava-se no chão da Quinta de Francisco Soares, de quem descendia por linha materna. Esta quinta suburbana datava do Século XVII e era uma vasta propriedade que se estendia até à rua de S. Bento e ao Rato. Segundo Júlio de Castilho⁽⁵⁾ foi D. Fernando Soares de Noronha, filho de D. Rodrigo de Noronha, quem provavelmente cortou a quinta em ruas, uma das quais conserva ainda hoje o nome dos Noronha, e quem aforou o palácio paterno à Imprensa Régia.



Fachada da Fábrica das Sedas (1734 - 1741)

O edifício da fábrica é contemporâneo de D. João V. Foi esta unidade fabril, da iniciativa do francês Robert Godin, construída entre 1734 e 1741. Directamente



Habitação operária edificada em 1749

relacionadas com esta fábrica estão as primeiras habitações operárias da zona, constituídas por um conjunto de dez pequenas moradias construídas em 1749, das quais ainda hoje restam vestígios: o n.º 17 da actual Rua Pedro de Freitas Branco.

No Largo do Rato encontramos outro edifício que data do Século XVII; é o Convento das Trinas, que sofreu alterações importantes no Século XIX. De salientar ainda no Rato o grande edifício que é a Casa das Águas Livres cujo início de construção data do Século XVIII.

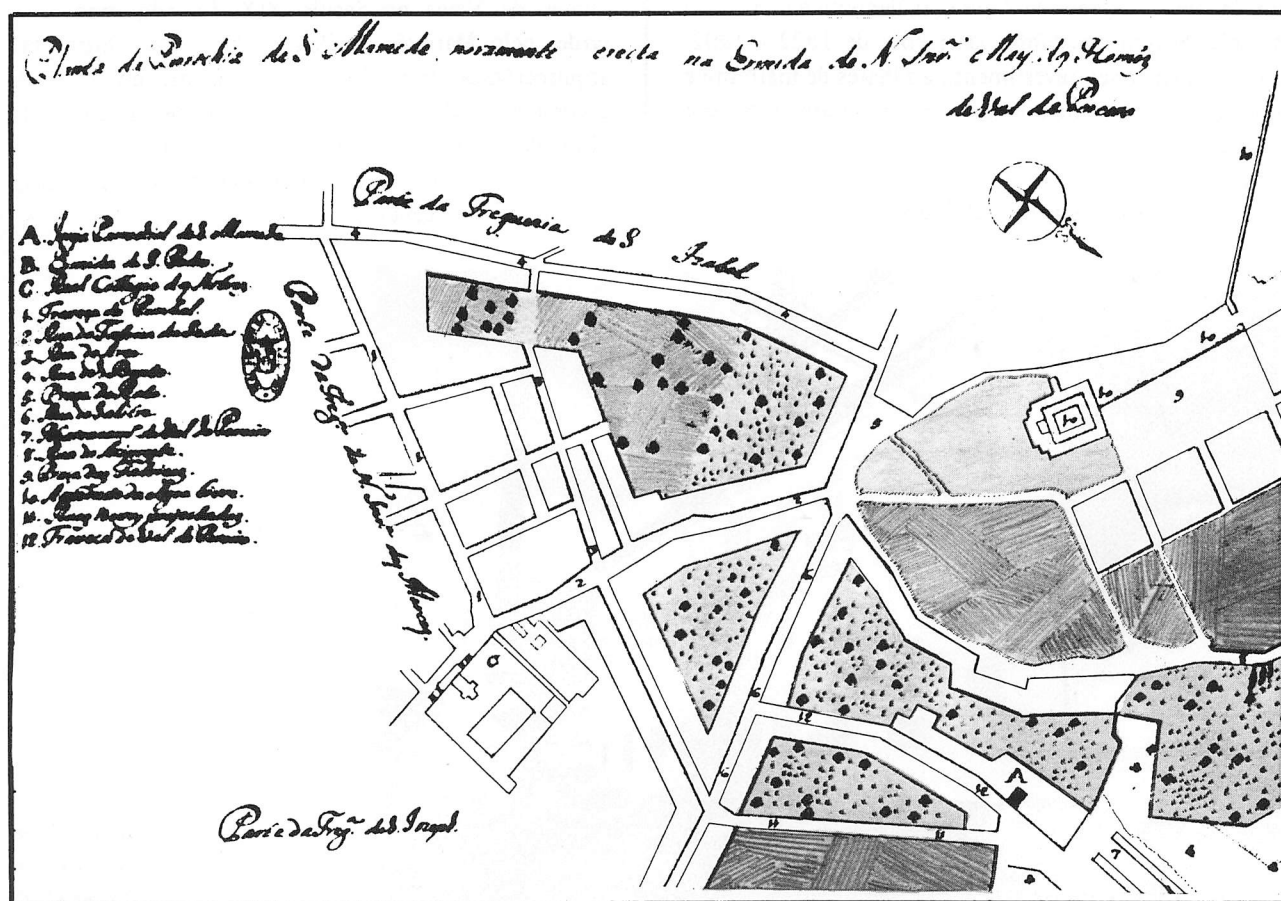
A situação depois do terramoto de 1755

Esta zona da cidade começa a ser urbanizada de uma forma sistemática depois do terramoto de 1755. A área foi incluída nos projectos pombalinos de reconstrução que, no entanto, não se concretizaram aqui na sua totalidade. Após o terramoto, e uma vez que a zona da Cotovia tinha sido das mais poupadas, aqui se refugiou grande número de pessoas, sobretudo na zona do Rato e Amoreiras. Com o retorno da vida lisboeta à normalidade vão surgir, na actual Rua da Escola Politécnica, as primeiras grandes construções residenciais. Ao longo da segunda metade do século abriram-se novas artérias e modificaram-se alguns topónimos. A Rua da Fábrica das Sedas manteve a denominação, mas a designação da Rua da Cotovia, segundo Matos Sequeira⁽⁶⁾, vai ser alterada de 1755 a 1827, e vemos aparecer a Rua Direita da Procissão, da Patriarcal, da Fábrica, do Colégio dos Nobres e Patriarcal Queimada. Em 1828 divide-se a artéria em duas: Rua Dt.^a da Patriarcal Queimada, e Dt.^a do Colégio dos Nobres. Em 1859 o nome de Escola Politécnica engloba estas duas e a Rua da Fábrica das Sedas. Foi também nesta data que se chamou Praça do Príncipe Real ao Largo da Patriarcal Queimada.

De 1770 data a remodelação paroquial que transfere para esta área a freguesia de S. Mamede, até então situada na baixa da cidade, estabelecendo-se a sua paróquia numa ermida no sítio do Val de Pereiro, local onde ainda hoje existe uma rua com este nome. Em 1783 iniciou-se a construção da nova igreja num terreno cedido pelo Colégio dos Nobres, no sítio do actual Largo de S. Mamede. A descrição dos limites desta freguesia são transcritos também por Francisco Santana⁽⁷⁾:

“Esta Parrochia será novam.^e erecta na nova Ermida de N. Snr.^a May dos Homens, cituada na traveça de Val do Pereiro: tera por districto o seg.^e Começando na entrada da traveça do Pombal, defronte do Real Collegio dos Nobres, seguirá todo o lado occidental della até a rua de S. Bento, e desta trazendo todo o lado Oriental, voltará pela p.^e occidental até a praça do Rato, de onde subindo pela margem septemtrional da estrada q. vahe a S. João dos Bem cazados, e seguindo a mesma athé à q. volta para Campollide som.^e da p.^e oriental desta discorrerá pela parte meridional de outra q. vem sahir a Val de Pereiro, passando junto do Abarracam.^o este Citio, e daqui sahir à rua do Salitre; e subindo por ella entrará pela nova rua q. vem sahir defronte das Cazas dos Erdeiros de Joseph Franc.^o da Cruz, e fexará a sua Circunferencia na sobredita entrada da travessa do Pombal, pertencendolhe também, a rua da Fabrica da Ceda, rua do Arco, rua do Arcipestre, ou de Entre muros, Praças das Fábricas, e todas as mais q. de novo se abrirem, e edificarem nesta Circunferencia”.

Planta da Freguesia de S. Mamede (Segunda metade do Século XVIII)



As duas primeiras grandes residências construídas na zona após o terramoto foram edificadas na rua da Fábrica das Sedas. Foram eles o palácio dos Condes de Ceia, edificado num terreno aforado a D. Rodrigo de Noronha nos chãos da sua propriedade junto ao seu palácio, e o palácio da família Cruz Alagoa situado um pouco mais adiante e quase contíguo ao edifício da fábrica das sedas.

Foi este último construído entre 1759 e 1762 e é um grande edifício característico da arquitectura residencial setecentista.

Do outro lado desta rua e tornejando para o Rato, foi ainda edificado no último quartel do Século XVIII, por Manuel Caetano de Sousa, o denominado palácio Palmela. Sofreu constantes alterações de 1822 a 1902, entre os quais o seu revestimento a silhares de mármore e o portal. O seu extenso logradouro chega até ao Rato e torneja para a rua do Salitre, ocupando parte da antiga cerca do Noviciado da Cotovia.

Já no Rato ergue-se outro grande palácio o qual,



Palácio Alagoa (1759 - 1762)

segundo Gustavo de Matos Sequeira⁽⁸⁾, foi edificado no último quartel do Século XVIII. Residência dos Marqueses de Viana no Século XIX, foi adquirido, mais tarde, pelo Marquês da Praia e Monforte. Outra obra arquitectónica desta época é o chafariz do Rato, da autoria de Carlos Mardel. Construção de carácter utilitário, de grande importância para a população da zona, testemunha também a beleza ornamental que caracteriza as produções do género.



Palácio Palmela
(último quartel do Século XVIII)

Para além destes edifícios há ainda a destacar duas instituições que funcionaram nesta zona após 1755. Foram elas a Imprensa Régia, oficina gráfica instalada no palácio de D. Rodrigo de Noronha por iniciativa do Marquês de Pombal por alvará de 24 de Dezembro de 1761, e o Real Colégio dos Nobres, instalado em 1761 na casa do Noviciado da Cotovia após a extinção, por Pombal, da Companhia de Jesus.

São estes os principais edifícios que foram edificados neste local depois do terramoto de 1755. Quanto às restantes construções erigidas na zona não se encontram facilmente referências à sua construção por serem obras de menor importância. ●

NOTAS

- (1) SANTANA, Francisco – *Lisboa na Segunda Metade do Século XVIII*, Planta e Descrição das suas Freguesias, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, pp. 10 - 11.
- (2) SEQUEIRA, Gustavo de Matos – *Depois do Terramoto*, Subsídios para a História dos Bairros Ocidentais de Lisboa, Volume III, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1967, p. 378.
- (3) SEQUEIRA, Gustavo de Matos – *op. cit.*, volume I, p. 380.
- (4) CASTILHO, Júlio – *Lisboa Antiga*, O Bairro Alto de Lisboa, Volume V, Lisboa, Antiga Casa Bertrand, 1904, p. 25.
- (5) CASTILHO, Júlio – *op. cit.*, p. 60.
- (6) SEQUEIRA, Gustavo de Matos – *op. cit.*, Volume III, p. 379.
- (7) SANTANA, Francisco – *op. cit.*, p. 46.
- (8) SEQUEIRA, Gustavo de Matos – *op. cit.*, volume III, p. 394.

BIBLIOGRAFIA

- BRITO, J. J. Gomes de – *Ruas de Lisboa*, Notas para a história das vias públicas Lisbonenses, Lisboa, Sá da Costa, 1935.
- CASTILHO, Júlio – *Lisboa Antiga*, O Bairro Alto de Lisboa, volume V, Lisboa, Antiga Casa Bertrand, 1904.
- FRANÇA, José Augusto – *Lisboa Pombalina e o Iluminismo*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1977.
- Guia de Portugal*, Lisboa e Arredores, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.
- Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*, Segundo Tomo, Junta Distrital de Lisboa, 1975.
- SANTANA, Francisco – *Lisboa na Segunda Metade do Séc. XVIII*, Planta e Descrição das suas freguesias, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, s. d.
- SEQUEIRA, Gustavo de Matos – *Depois do Terramoto*, Subsídios para a História dos Bairros Ocidentais de Lisboa, Volumes I e III, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1967.
- SILVA, A. Vieira da – *Notícias Históricas das Freguesias de Lisboa*, in "Revista Municipal", n.º 15, 1943.